

INIMIGO “NÚMERO UM”: AS REPRESENTAÇÕES SOBRE O COMUNISMO ATRAVÉS DO JORNAL A SEMANA (1946-1984)

ENEMY “NUMBER ONE”: THE REPRESENTATIONS OF COMMUNISM THROUGH THE NEWSPAPER A SEMANA (1946-1984)

DENISE SILVA E SOUZA¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar as representações do comunismo feitas pelo jornal *A Semana*, semanário surgido no ano de 1943 por iniciativa dos frades franciscanos instalados em Divinópolis, Minas Gerais. O periódico teve circulação local e regional e manteve-se sob responsabilidade dos religiosos até 1984, quando sua propriedade foi transferida. Mais especificamente, quer compreender as possíveis transformações nessas representações, uma vez que o próprio perfil da Igreja e dos frades se modificou ao longo do século XX. Foram utilizadas como fontes algumas edições do jornal *A Semana* produzidas entre 1946 e 1984 que citam o comunismo ou comunistas.

Palavras-chave: Representações; Comunismo; Jornal *A Semana*.

Abstract: This article aims to analyze the representations of communism made by the newspaper *A Semana*, a weekly newspaper created in 1943 on the initiative of Franciscan friars installed in Divinópolis, Minas Gerais. The periodical had local and regional circulation and remained under the responsibility of the religious until 1984, when its ownership was transferred. More specifically, he wants to understand the possible transformations in these representations, since the profile of the Church and the friars changed throughout the 20th century. Some editions of the newspaper *A Semana* produced between 1946 and 1984 that mention communism or communists were used as sources.

Keywords: Representation; Communism; Newspaper *A Semana*.

Introdução

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São João Del Rei. Pesquisadora colaboradora no projeto *A Ditadura em Minas Gerais*, financiado pela FAPEMIG. (Email: denisesouza.historia@gmail.com).

Desde meados de 1920, causou impacto no Brasil a cultura comunista, ligada à bem-sucedida Revolução bolchevique ocorrida na Rússia, em 1917. As ideias e valores dessa cultura foram consolidados em solo brasileiro a partir da mobilização de símbolos e figuras importantes – como a de Luís Carlos Prestes – além de terem sido disseminados por representantes das esquerdas e por intelectuais do país². Esses últimos, conforme Ana Paula Palamartchuk, contribuíram para o desenvolvimento de um “espaço público” e de uma “identidade” comunista no Brasil, mesmo que as práticas dos mesmos nem sempre se aproximassem do projeto político do Partido Comunista Brasileiro (PCB).³ Assim, o comunismo pode ser entendido como uma cultura política⁴ *perene*, ganhando espaços e envolvendo-se em diversos debates no país.⁵

Dentre algumas características da cultura política comunista estão o internacionalismo frente ao nacionalismo burguês, o anti-imperialismo, símbolos e vocabulário específicos e comportamento heroico. Entretanto, há um ponto característico dos comunistas que, aqui, interessa mais: uma defesa do cientificismo que os colocava em oposição às religiões. As disputas entre religiosos e comunistas fizeram acirrar, de cada um dos lados, sobretudo na primeira metade do século XX, o anticomunismo e o anticlericalismo.⁶

Tal cenário é pano de fundo para esta pesquisa, que busca analisar as representações acerca do comunismo/comunistas através do jornal *A Semana*, semanário surgido na cidade de Divinópolis, Minas Gerais, em 1943, como uma publicação interna dos franciscanos, religiosos católicos instalados no local. A partir de 1946, porém, passou a ter um público mais amplo, circulando entre a população divinopolitana e das cidades vizinhas.

² MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A cultura política comunista: alguns apontamentos. In: NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **Comunistas brasileiros**: cultura política e produção cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 17-37. (Humanitas).

³ PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Os novos bárbaros**: escritores e comunismo no Brasil (1928-1948). Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2003.

⁴ “(...) conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhado por um determinado grupo humano, expressando identidade coletiva e fornecendo leituras comuns do passado, assim como inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro”. Cf. MOTTA, *op. cit.*, p. 17-18.

⁵ NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Apresentação. In: _____. (org.). **Comunistas brasileiros**: cultura política e produção cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. (Humanitas). p. 9-13.

⁶ MOTTA, *op. cit.*, p. 21-32.

Sendo os periódicos frutos de seus contextos de produção⁷, o *A Semana* sofreu influência das diferentes fases pelas quais passou a Igreja Católica ao longo do século passado. A instituição religiosa saiu de uma posição mais dogmática e fechada, para uma postura de maior abertura e envolvimento com a sociedade. Isso porque teve sua concepção de fé transformada devido as influências da atuação religiosa no contexto internacional e do aumento na participação dos leigos.⁸ Ademais, Michel Löwy afirma que, com o advento do Papa João XXIII e do Concílio Vaticano II⁹, desenvolveu-se o que chama de cristianismo da libertação¹⁰, movimento que aproximou os cristãos da realidade social.¹¹ Com base nisso, tem-se como objetivo específico verificar, no *A Semana*, as possíveis transformações nas formas de representar o comunismo/comunistas, já que se levanta a hipótese de ter havido alteração nessas representações conforme as mudanças vividas pela Igreja no século XX.

Apesar da longevidade do periódico a ser estudado, o recorte temporal desta investigação se delimitará entre os anos de 1946, marco da ampliação do público-alvo, e 1984, quando o semanário teve sua propriedade passada de seus idealizadores, os frades franciscanos, para Maria Cândida Aguiar, Maria Eloisa Antunes e Maria Aparecida Carvalho Carrilho, conhecidas como “Três Marias”.¹² Quanto ao percurso metodológico o que se

⁷ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

⁸ MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)**. Tradução: Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 2004.

⁹ Concílio, convocado pelo Papa João XXIII, realizado em Roma entre 1962 e 1965. Trazia maior abertura ao diálogo com a “modernidade” e aproximação com questões sociais. Cf. DELGADO, Lucília de Almeida Neves; PASSOS, Mauro. Catolicismo: direitos sociais e direitos humanos (1960-1970). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **Brasil Republicano – O tempo da ditadura: regimes militares e movimentos sociais em fins do século XX**. Livro 4. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 93-132.

¹⁰ Movimento social que influenciou religiosos e setores da população, gerou vasta produção textual após 1970 e impactou as formas de pensar e ver a sociedade e as camadas populares, agora vistas como protagonistas de sua transformação. A chamada Teologia da Libertação, foi denominada por Löwy de Cristianismo da Libertação. Para o autor, o nome inicial não explicaria o que foi o movimento, que não era composto somente por teólogos, nem se resumiu apenas a questões teóricas. Cf. LÖWY, Michael. **O que é cristianismo da libertação: religião e política na América Latina**. 2 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Expressão Popular, 2016.

¹¹ LÖWY, Michael. As esquerdas na ditadura militar: o cristianismo de libertação. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. (org). **Revolução e democracia (1964...)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 304-320.

¹² PEREIRA, Leonardo Lucas; DUARTE, Erivelto Diniz; OLIVEIRA, Anderson Cardoso de. Sinos e sirenes se beijaram – ideologias de franciscanos em Divinópolis nos jornais Santuário Santo Antônio, Sino e a Semana (1924-1984). In: CATÃO, Leandro Pena. PIRES, João Ricardo Ferreira. CORGOZINHO, Batistina de Sousa (org.). **Divinópolis: História e Memória - volume 1: Origens e Religião**. Belo Horizonte: Crisálida, 2015. p. 397-454.

propõe é a análise de edições do *A Semana*¹³ produzidas no período abrangido em cada fase da presença franciscana em Divinópolis, Minas Gerais, não abrindo mão de analisá-las tanto como fonte quanto como objeto.¹⁴ Sobre as citadas fases da presença franciscana, são apresentadas por Leonardo Lucas Pereira e serão mais bem detalhadas ao longo do texto.¹⁵

Em relação à categoria de *representação*, utiliza-se a definição de Roger Chartier. Para ele, “a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que revela um objeto ausente, substituindo-o por uma ‘imagem’ capaz de trazê-lo à memória e ‘pintá-lo’ tal como é”.¹⁶ Segundo o autor, entre a representação e seu referente existe uma distância, que pode ser deturpada gerando confusões que levariam à tomada da representação como algo verdadeiro, como a própria coisa representada. Por isso, é preciso atentar para as lutas de representação, pois são delas que surgem as identidades sociais definidas e redefinidas pela relação de força entre as representações feitas de (ou imposta a) determinado grupo social e as formas de se apresentar ao mundo que partem do próprio grupo.¹⁷

Diversidade e desenvolvimento: Divinópolis em histórias entrelaçadas

Divinópolis foi emancipada em 1912, separando-se de Itapecerica, Minas Gerais, e em meio século, a cidade já se configurava como “o maior polo da região centro-oeste” de Minas, contando com mais de cinquenta mil habitantes e com um desenvolvimento econômico constante.¹⁸ Esse processo ocorreu devido às ondas de crescimentos iniciadas ainda em 1890, com a inauguração da primeira estação ferroviária local, em torno da qual o então arraial se desenvolveu. Os franciscanos da Ordem dos Frades Menores chegaram à cidade no ano de

¹³ Será utilizado apenas o jornal *A Semana* devido a intenção de realizar um estudo das representações e transformações dessas representações ao longo de diferentes fases do semanário em questão, o que exige foco maior nesse impresso. Somado a isso, a comparação entre diferentes periódicos demandaria discussões mais elaboradas, que ficariam limitadas pelo pouco espaço para escrita oferecido por artigos acadêmicos.

¹⁴ CRUZ; PEIXOTO, *op. cit.*, p. 256 *et seq.*

¹⁵ PEREIRA, Leonardo Lucas. Introdução. In: PEREIRA, Leonardo Lucas; LUNKES, Sheila Almeida Nery; FERREIRA, Mauro Eustáquio (org.). **Franciscanos na terra do divino**: presença, palavras e ações. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2021. p. 13-18.

¹⁶ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: _____. **A beira da falésia**: a História entre incertezas e inquietudes. Trad.: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002. p. 61-80.

¹⁷ CHARTIER, *op. cit.*, p. 74-75.

¹⁸ SOUZA, Renato João de. Repercussões do golpe Civil Militar de 1964 em Divinópolis. In: CORGOZINHO, Batistina Maria de Sousa; PIRES, João Ricardo Ferreira; CATÃO, Leandro Pena (org.). **Divinópolis**: história e memória – vol. 2: Política e Sociedade. Belo Horizonte: Crisálida, 2015. p. 115-129.

1924, em meio a disputas de influências entre as diferentes visões de mundo que nela se instalaram. Já na década de 1920, Divinópolis contava com a presença da Loja Maçônica Estrela do Oeste de Minas¹⁹, de representantes do Centro Espírita Redentor do Rio de Janeiro e da Igreja Batista.²⁰ A despeito de toda essa diversidade, o local era marcado pelo tradicionalismo católico e contou com figuras religiosas importantes nas primeiras décadas do século XX, como padre Matias Lobato que se envolveu profundamente com a emancipação e melhorias do município²¹. Da mesma forma, os frades menores não limitaram sua atuação às atividades religiosas. Segundo Márcia Helena Batista,

Os franciscanos envolveram-se totalmente na vida da cidade. Atuaram nos processos políticos, em momentos de decisão eleitoral, em condutas administrativas do poder público e no posicionamento frente a ideologias e programas contrários aos defendidos pelos católicos. Investiram na organização do movimento operário cristão em Divinópolis através da criação do Círculo Operário e da institucionalização da Juventude Operária Católica, direcionando seu trabalho para os ferroviários. (...) No campo cultural, marcaram sua presença incisivamente através de seu apostolado, atuando também no campo do entretenimento, como foi o caso do investimento no cinema e do estímulo às vocações artísticas pelo apoio dado ao teatro e à música.²²

Os frades foram marcantes também na educação, seja através do Curso de Teologia – o primeiro de nível superior do Centro-Oeste mineiro – sediado pelo Convento Franciscano, seja na formação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Divinópolis, em 1964, ou na atuação como docentes nas instituições de ensino da cidade.²³ Na imprensa, fundaram a Gráfica Santo Antônio, onde eram impressas revistas como *O Santuário de Santo Antônio* e *O Sino*, além do próprio jornal *A Semana*, foco desta investigação.²⁴

O semanário aqui estudado teve o público-alvo ampliado em 1946 por iniciativa de Frei Rafael Zevenhoven²⁵ e passou a veicular textos que tratavam de questões operárias,

¹⁹ GOMES, Nilton. A História da Maçonaria em Divinópolis. In: CORGOZINHO, Batistina Maria de Sousa; PIRES, João Ricardo Ferreira; CATÃO, Leandro Pena. (org.). **Divinópolis: história e memória** – vol. 2: Política e Sociedade. Belo Horizonte: Crisálida, 2015. p. 539-548.

²⁰ GONTIJO, Pedro X. **História de Divinópolis**. 2 ed. Divinópolis (MG): Sidil, 1995; SANTOS, Maria Cecília Guimarães. **Patrimônio cultural de Divinópolis**. Divinópolis (MG): Grupo Capela, 2015.

²¹ *Ibid.*, p. 57-58.

²² BATISTA, Márcia Helena. **A Restauração Católica no cotidiano da cidade: Círculo Operário, Imprensa e Obras Sociais em Divinópolis entre os anos 30 e 50**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

²³ *Ibid.*, p. 68-69.

²⁴ PEREIRA, *op. cit.*, p. 16.

²⁵ AZEVEDO, Flávia Lemos Mota de; PIRES, João Ricardo Ferreira; PEREIRA, Wiliam Santos; FIGUEIREDO, Victor Santos; SILVA, Ariana Dayana Coimbra. Imprensa e História: Jornal A Semana e a História Social de Divinópolis - 1943 - 1965. In: AZEVEDO, Flávia Lemos Mota de; SOARES, Izaac Erder

temas internacionais e religiosos, além das famosas “Bombas da Raf”, colunas polêmicas de cunho moral, assinadas por frei Rafael. O frade tinha perfil conservador e sua postura combativa era condizente com o cenário divinopolitano do início do século XX, marcado por efervescência de posicionamentos políticos e de modos de pensar. Esses fatores refletiam nos jornais da época, que se multiplicaram, possuindo, muitas vezes, um caráter panfletário e tendo tempo de circulação variável.²⁶ Portanto, é importante analisar profundamente os periódicos, atentando-se ao projeto editorial, percebendo as intenções e visões que os regem.²⁷

Primeira fase da presença franciscana: o comunismo como um inimigo a ser combatido

O ambiente de embates intensos durante o século XX em Divinópolis, pelo viés da História Cultural, pode ser entendido por meio da categoria de “lutas de representação”. Essas lutas visam “a ordenação da própria estrutura social”.²⁸ Dessa forma, são influenciadas e influenciam a formação da sociedade. Tais disputas por espaços e por colocação de pontos de vista próprios a cada grupo são intensificadas em contextos de diversificação e expansão demográfica e econômica, como o que passava Divinópolis naquele momento.

A primeira fase da presença franciscana na cidade se inseriu e acompanhou tal processo. Essa etapa foi marcada por “brigas homéricas contra ateus, comunistas, maçons, espíritas, protestantes, livres pensadores, contra também os novos costumes, modernos (...)” e durou de 1924, ano que marca a chegada dos religiosos a Divinópolis, a 1949.²⁹ O surgimento do jornal *A Semana* se deu nesse cenário e, assumido pelo já mencionado Frei Rafael, refletiu não só os acontecimentos da época como também o conservadorismo do religioso. Em 4 de agosto de 1946, por exemplo, foi publicada a primeira *Bombas da RAF*, artigo que se tornaria frequente e seria veiculado na capa do jornal. Vale ressaltar que as capas de periódicos são espaços privilegiados para os temas abordados.³⁰

Silva; PIRES, João Ricardo Ferreira; FERREIRA, José Heleno; ARRUDA, Lúcia Maria Silva (org.). **História e Memória do Centro-Oeste mineiro: perspectivas** – Memória, Literatura e Educação. Belo Horizonte: O Lutador, 2016. p. 190-201.

²⁶ *Ibid.*, p. 190-191.

²⁷ CRUZ; PEIXOTO, *op. cit.*, p. 260.

²⁸ CHARTIER, *op. cit.*, p. 73.

²⁹ PEREIRA, *op. cit.*, p. 15.

³⁰ CRUZ; PEIXOTO, *op. cit.*, p. 262; LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

Intitulada “A Finalidade de um Jornal”, a primeira “Bomba” de frei Rafael parece seguir a tradição, notável nos textos de publicações apresentados por Corgozinho, Pires e Catão³¹, de demonstrar os objetivos daquele periódico, evidenciando, já de início, as visões de mundo que carregava. Nesse sentido, o frade oferece vários significados do que seria “Bomba”, que vão desde o nome de um doce até o de explosivos. Nota-se, entretanto, que a noção de “Bomba” como “projétil” é o que se destaca, uma vez que usa também a ideia de “avião” para criar uma metáfora e explicar o que seriam esses novos artigos do *A Semana*. “RAF” – sigla que resulta da brincadeira com o nome do autor e que busca representá-lo como alguém que estaria atento aos acontecimentos locais³² – seria, portanto, o avião que sobrevoaria tanto Divinópolis como outras cidades e até outros países e captaria toda a atmosfera necessária para inspirar seus escritos polêmicos, que “cairiam” sobre a sociedade divinopolitana como “Bombas”. Vale lembrar que esse jornal é de 1946, ano subsequente ao fim da Segunda Guerra Mundial, e parece ter influência desse contexto ainda muito presente. Além disso, como o próprio título da coluna já diz, frei Rafael coloca sua visão de qual seria o propósito de um jornal, que passaria pela orientação e formação dos leitores, defende regulamentar de forma rigorosa a profissão de jornalista e define o que, para ele, seria um bom perfil de periódico – comprometido com a verdade e com a imparcialidade.³³

Como comenta Tânia Regina de Luca, entretanto, ao analisar jornais como fontes, é preciso submetê-los à crítica e entender que, assim como os demais vestígios do passado, os mesmos não são neutros.³⁴ Isso é claramente percebido ainda nessa primeira “Bombas da RAF” quando o próprio Frei Rafael, que exalta a imparcialidade como elemento de um periódico de virtudes, apresenta suas opiniões sobre um “mau jornal”, que seriam “panfletos sujos, boletins fedorentos, exalando mau cheiro”:

São os jornais do PCB, que, escondendo suas baixeiras e más intenções sob a capa da democracia, envenenam o povo, apregoando em letras garrafais a paz, a tranquilidade e o bem-estar da coletividade, mas que são uns traidores que, se chegarem um dia a tomar o poder, farão neste Brasil o que estão fazendo na Polônia, bestialidades, crueldade, crimes hediondos, judiando com irmãs, mocinhas, mães, e

³¹ Cf. CORGOZINHO; PIRES; CATÃO, *op. cit.*, p. 273-274.

³² RAF é também a sigla para Royal Air Force, braço aéreo das Forças Armadas do Reino Unido. Na Segunda Guerra (1939-1985) atuou no Dia D, momento crucial para a derrota do Eixo e para a finalização do conflito. Apesar de frei Rafael não fazer referência clara à RAF, não se pode descartar que tenha se inspirado nessa sigla para nomear sua coluna no *A Semana*. Cf. <https://www.raf.mod.uk/>. Acesso em: 19 dez. 2024.

³³ RAF (Frei Rafael). A Finalidade de um Jornal. *A Semana*, Divinópolis, MG, capa, 04 ago. 1946.

³⁴ LUCA, *op. cit.*, p. 132.

outras coisas que a decência não permite escrever aqui. Que o nosso povo se acautele contra a influência pestilenta dos esgotos comunistas!³⁵

O PCB, citado por frei Rafael, naquele momento funcionava legalmente e ganhava espaço nos movimentos sociais, aumentando sua influência no país.³⁶ A presença do comunismo já na primeira “Bombas da RAF”, antes de qualquer outro “inimigo” a ser combatido, pode ser lida, então, como resultado dos processos históricos que se desenrolavam no período, uma possível reação aos seus avanços no Brasil. Já ao definir o que seria um “mau jornal”, frei Rafael corresponde ao que Maria Helena Capelato chama de “lógica burguesa”, que trata como “má” uma imprensa considerada ameaçadora à ordem vigente.³⁷

O anticomunismo nessa época era algo persistente e, por isso, escritos com o mesmo tema voltaram a aparecer em futuras edições do jornal. O próprio frei Rafael, por exemplo, em 21 de setembro de 1947, publicaria um texto apresentando uma breve trajetória de vários líderes mundiais que circularam e se encontraram na Europa em tempos de guerra, concluindo que uma parte significativa deles foi “julgada pela história”.³⁸ Sendo assim, alguns foram assassinados, outros cometeram suicídio ou simplesmente foram esquecidos. O mais interessante, entretanto, se apresenta no seguinte trecho:

Somente dois continuam no palco europeu. Dois homens, dos quais um representa o mal e o outro o bem. Moscou e o Vaticano. Stalin e o Papa Pio XII. O primeiro o mensageiro de Satanaz³⁹, o segundo o mensageiro de Cristo. Dois poderes, que definirão o destino futuro do mundo. Stalin com legiões de soldados e aviões, com milhares de tanques e metralhadoras. O Papa sem soldados, sem aviões e tanques, sem material bélico!

A luta gigantesca! A luta decisiva! A luta entre o Comunismo e Cristianismo. Stalin, um criminoso de guerra, destruidor da família russa, assassino de milhões.

Pio XII, o príncipe da Paz, o Sumo Pontífice, o representante de Cristo.⁴⁰

Nesse mesmo texto, ao se referir ao fim que teve Hitler, o autor diz: “depois de Stalin um dos maiores criminosos suicidou-se com um tiro de revólver, e 180 litros de gasolina despejado e incendiado o reduziram a pó”.⁴¹ Comparação semelhante, frei Rafael faz na edição de 28 de setembro do mesmo ano, quando comenta a perseguição a católicos nos

³⁵ RAF (Frei Rafael), *op. cit.*, capa, 04 ago. 1946.

³⁶ NAPOLITANO, CZAJKA, MOTTA, *op. cit.*, p. 9-10; PALAMARTCHUK, *op. cit.*, p. 12.

³⁷ CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

³⁸ RAF (Frei Rafael). Os dois que ficaram: Pio XII-Stalin. **A Semana**, Divinópolis, MG, capa, 21 set. 1947.

³⁹ Houve preservação da ortografia de acordo com o original e época, o que se fará também nas demais citações.

⁴⁰ *Ibid.*, capa, 21 set. 1947.

⁴¹ RAF (Frei Rafael), *op. cit.*, capa, 21 set. 1947.

territórios comunistas e cita um suposto silenciamento da “imprensa mundial” diante de tais acontecimentos. Para ele, os nazistas não conseguiram calar tal imprensa, mas “a pernicioso infiltração comunista fez silenciar êstes porta-vozes da civilização, pois, muito pior que os alemães, fazem as camarilhas soviéticas (...)”.⁴²

Voltando a Chartier, as representações passam pela construção de imagens, toca a dimensão do imaginar.⁴³ Nos textos aqui apresentados,⁴⁴ nota-se o esforço para “fazer imaginar” o comunismo como o pior mal existente. Isso é percebido já na primeira “Bomba da RAF” que, como já citado, elege tal cultura política como sua inimiga número um.

Quanto às estratégias de escrita utilizadas para isso, uma delas é o uso constante de adjetivos que simbolizam algo negativo. “Traidores”, “sujos”, “destruidor” e “assassino” são alguns exemplos das características que o autor atribui aos comunistas. Assim, ele passa uma imagem de perversidade dos mesmos, que estariam cheios de “más intenções” escondidas por traz da “capa da democracia”⁴⁵. Dessa forma, fica perceptível que o religioso toma para si o papel de “desmascarar” seus “inimigos”, colocando-se como mensageiro da verdade.

A utilização do sentimento de medo também é algo visível. No primeiro texto citado, por exemplo, frei Rafael prevê o que acontecerá caso os comunistas cheguem ao poder no Brasil, dizendo que realizariam, como na Polônia, “bestialidades (...) que a decência não permite escrever (...)”.⁴⁶ Já no trecho da publicação de 21 de setembro de 1947, ele diz que quem definirá o futuro do mundo será o Papa ou Stalin, mas deixa claro que o último o fará com o uso de “legiões de soldados e aviões”⁴⁷, frase na qual fica implícito o receio do desencadeamento de uma nova guerra.

Outra maneira encontrada pelo autor para representar negativamente os comunistas foi através das comparações, que são mais bem observadas nos textos de 1947. No primeiro deles, RAF compara Papa e Stalin, criando uma oposição diametral entre os dois, sendo Pio XII “mensageiro de Cristo”, representante do que há de mais pacífico, e Stalin, o “mensageiro

⁴² RAF (Frei Rafael). Tácticas russa de despistamento... *A Semana*, Divinópolis, MG, capa, 28 set. 1947.

⁴³ CHARTIER, *op. cit.*, p. 74.

⁴⁴ Optou-se por analisar apenas textos publicados por frei Rafael devido ao grande destaque que obtiveram em seu período de circulação. Entretanto, outros autores escreveram sobre o comunismo no jornal *A Semana*. Cf. ANTUNES, Geraldo. Que quer essa gente?... *A Semana*, Divinópolis, MG, 2, 08 ago. 1948.

⁴⁵ RAF (Frei Rafael), *op. cit.*, capa, 04 ago. 1946.

⁴⁶ *Ibid.*

⁴⁷ RAF (Frei Rafael), *op. cit.*, capa, 21 set. 1947.

de Satanaz”. Assim, ele propõe “uma luta entre o Comunismo e o Cristianismo”⁴⁸ que remete a uma luta do bem contra o mal, em que o cristianismo seria a escolha certa. Porém, quando compara o líder da União Soviética a Hitler, outra lógica se impõe. Ambos são colocados no lado “mau” da história, porém, na hierarquia da “maldade”, Hitler e os alemães estariam em segundo lugar, perdendo para Stalin e os comunistas. Novamente é importante lembrar que frei Rafael escreve em um momento de pós-guerra, quando o que ocorreu na Alemanha nazista se tornou modelo de atrocidade. Portanto, comparar Stalin a Hitler é buscar construir uma imagem do comunismo/comunistas como algo tão horrível, que nem mesmo a experiência modelo – a Alemanha nazista – poderia servir de medida. Assim, seria melhor que o leitor “se acautele contra a influência pestilenta dos esgotos comunistas!”⁴⁹.

Segunda fase da presença franciscana: o comunismo questionado

A situação da cultura política comunista entre 1950 e 1960 se mostrava tão complexa quanto o próprio cenário no qual estava inserida. Devido ao crescimento dos movimentos nacionalistas, o comunismo mudou a maneira de defender o internacionalismo para se adaptar às demandas do período. As esquerdas passaram a falar a mesma língua, apesar de defenderem projetos diferentes e, como resultado, “a arregimentação nacionalista/anti-imperialista/reformista teve grande impacto social, no início dos anos de 1960, gerando uma onda de medo nas hostes conservadoras e liberais”.⁵⁰ Sabe-se que, o medo do “perigo comunista” justificou o golpe de 1964, que destituiu do cargo o presidente da República João Goulart e deu início a uma ditadura militar no país.

A segunda fase da presença franciscana em Divinópolis coincide com tal etapa da história do Brasil, estando entre 1950 e 1970. A Igreja Católica seria impactada pelas orientações do Concílio Vaticano II, iniciado em 1962⁵¹, que propunha uma transformação na instituição, visando inseri-la no contexto histórico, na realidade social. Por isso, essa foi uma fase de “transição pastoral”, em que a postura de embates da primeira fase daria lugar a um

⁴⁸ RAF (Frei Rafael), *op. cit.*, capa, 21 set. 1947.

⁴⁹ RAF (Frei Rafael), *op. cit.*, capa, 04 ago. 1946.

⁵⁰ MOTTA, *op. cit.*, p. 30.

⁵¹ PEREIRA, *op. cit.*, p. 15.

perfil mais acolhedor entre os religiosos. Ou seja, os discursos foram suavizados enquanto que a abertura – e até a aproximação – a outras crenças e ao mundo passou a ser uma realidade.

Nesse contexto de transformações e contradições, o jornal *A Semana* ganha um perfil informativo, mesmo mantendo escritos que perpassavam pela moral, pela religião e pela oposição a certas visões de mundo.⁵² Larissa Virginia Veiga, em dissertação⁵³ que mapeia as formas de resistência em Divinópolis durante a ditadura, analisa algumas edições do semanário produzidas nessa segunda fase da presença franciscana na cidade. Seu trabalho permite perceber continuidades, em relação à primeira fase, nas formas de representar o comunismo. Como é possível apreender de suas análises e das edições do jornal que destaca, a demonização, a oposição cristãos/comunistas e a busca por “desmascarar” o “inimigo” se mantiveram como estratégias para definir uma imagem da cultura política em questão.

Interessante notar que a busca por demonizar os comunistas não era algo exclusivo dos católicos. Em uma das poucas pesquisas⁵⁴ com recortes e temática semelhante a este, Luciane Silva de Almeida trabalha com as representações anticomunistas disseminadas por protestantes batistas da Bahia entre 1963 e 1975. Os periódicos investigados pela autora eram produzidos pelos próprios batistas e continham “desde acusação de ateísmo até satanismo”

⁵² AZEVEDO *et al.*, *op. cit.*, p. 196.

⁵³ VEIGA, Larissa Virgínia. **Ditadura civil-militar em Divinópolis, Minas Gerais: memórias, trajetórias e resistências**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de São João del Rei, São Joao del Rei (MG), 2022.

⁵⁴ Ao buscar na Base Nacional de Teses e Dissertações e no Google Acadêmico com a expressão “Representações sobre o comunismo” não são encontrados muitos trabalhos com a temática deste artigo. Menos ainda quando se acrescenta o recorte religioso e regional na pesquisa. Alguns trabalhos encontrados que perpassam a temática são: ALMEIDA, Luciene Silva de. **“O comunismo é o ópio do povo”**: Representações dos batistas sobre o comunismo, o ecumenismo e o governo militar na Bahia. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2011; _____. **“Missionários do inferno”**: representações anticomunistas dos batistas no Brasil (1917-1970). Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências e Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016; BETT, Ianko. **A (re)invenção do comunismo**: discurso anticomunista católico nas grandes imprensas brasileira e argentina no contexto dos golpes militares de 1964 e 1966. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo (RS), 2010; NOGUEIRA, Maristel Pereira. **O anticomunismo nos jornais**: correio do povo, diário de notícias e última hora, uma perspectiva de análise. Tese (Doutorado em História das Sociedades Ibéricas e Americanas) – Faculdade de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

contra os comunistas. Para a autora, esses impressos foram os mais importantes meios de propagação do anticomunismo entre os religiosos dessa denominação.⁵⁵

No *A Semana*, percebe-se também a utilização do anticlericalismo – uma das características da cultura política comunista destacadas por Motta⁵⁶ – como recurso para enfatizar a representação negativa que se buscava construir. Um exemplo é o texto de 31 de maio de 1964, apontado por Veiga⁵⁷, que trata da “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”. Em Divinópolis, essa marcha ocorreu em 1º de junho de 1964, dia do aniversário da cidade, como forma de festejar a “Revolução”. Em certo momento, a citada publicação afirma que “A atitude dos comunistas com respeito à religião tem raízes profundas, que jamais poderão ser erradicadas. Os líderes comunistas sempre tiveram o mais profundo desprezo pela religião, mesmo os primeiros líderes como Karl Marx e Engels.”⁵⁸

Em uma sociedade marcada pela religiosidade e, mais especificamente, pelo cristianismo católico o “desprezo pela religião” é algo repugnante. Além do mais, segundo o texto, o caráter anticlerical do comunismo nunca poderia ser superado, pois esse “desprezo” estaria em suas origens. Novamente, nota-se a busca por afastar permanentemente os cristãos dos comunistas, com base na oposição entre eles.

Apesar das continuidades e dos escritos conservadores, que apoiavam o golpe de 1964, Veiga demonstra a existência de heterogeneidade dentro da Igreja. Nessa linha, apresenta textos de Frei Bernardino Leers, frade holandês que veio para o Brasil na década de 1950 e, em Divinópolis, envolveu-se com a educação, conscientização e emancipação dos trabalhadores, principalmente os do campo. Segundo a autora, essa trajetória contribuiu para que o religioso desenvolvesse uma postura de defesa da reforma agrária, assunto que perpassou pelos textos registrados por ele no jornal *A Semana* nos anos de 1960. Porém, Veiga destaca que Bernardino marcava posição contrária ao comunismo quando, em 15 de outubro de 1961, escrevia:⁵⁹ “Não queremos a reforma agrária de Cuba, porque não somos

⁵⁵ ALMEIDA, Luciane Silva de. “O Comunismo é o Ópio do Povo”: Representações dos Batistas sobre o Comunismo, o Ecumenismo e o Governo Militar na Bahia. *Anais dos Simpósios da ABHR*, [S. l.], v. 13, 2012.

⁵⁶ MOTTA, *op. cit.*, p. 22.

⁵⁷ Os jornais analisados por Veiga, e aqui citados, foram acessados em fonte primária para a escrita deste artigo. A menção às análises da autora visa demonstrar que o trabalho dela apontou tais jornais e destacar a existência de outras abordagens em torno das mesmas fontes, enriquecendo o debate. Cf. VEIGA, *op. cit.*, p. 40.

⁵⁸ VALÊNCIA. “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”. *A Semana*, Divinópolis, MG, p. 2, 31 mai. 1964.

⁵⁹ VEIGA, *op. cit.*, p. 44-46.

comunistas e nem cubanos. Mas queremos a reforma agrária, sim, em moldes cristãos e brasileiros. Começando hoje.”⁶⁰.

A autora analisa também a edição de 30 de agosto de 1964 do jornal *A Semana*,⁶¹ em que o mesmo Frei Bernardino diz:

A onda que a revolução provocou, abafou profundamente a voz de nosso operariado. Férias para recompensar o negócio todo? Férias de morte, então. Para que, afinal de contas? Lembro-me ainda daquela alma boa que, com a cara mais séria do mundo, afirmou-me que tinha mais do que mil comunistas aqui na cidade. Pode ser, a gente nunca sabe. Mas de qualquer jeito, parece que não estavam em nossos sindicatos.⁶²

Veiga percebe uma crítica, mesmo que limitada, a “Revolução” que acontecera naquele ano.⁶³ Mas, para este trabalho, o que mais desperta o interesse é a forma como frei Bernardino aborda o comunismo. Nota-se que o religioso coloca em dúvida a existência de comunistas em Divinópolis, quando comenta que ouviu de alguém haver “mais de mil comunistas na cidade” e logo conclui “Pode ser, a gente nunca sabe”⁶⁴.

Dessa maneira, se até o momento o *A Semana* buscava construir uma representação do comunismo - baseada na mobilização do medo e dos valores religiosos - como algo extremamente negativo e perigoso, com o qual se deveria tomar cuidado e do qual se deveria afastar, a fala de frei Bernardino parece amenizar esse perigo ao colocar a existência de comunistas na cidade como uma questão. Ou seja, ele apresenta a possibilidade de não haver comunistas ou, ao menos, de não haver uma quantidade expressiva deles em Divinópolis. Para que tanto pânico, então, se o perigo não está tão próximo e nem parece ser tão grande? Para que abafar “profundamente a voz de nosso operariado”?⁶⁵ Essas poderiam ser as questões subentendidas nas frases de Bernardino e que, inclusive, poderiam ser elaboradas por seus leitores. De toda forma, na frase seguinte, o frade parece reforçar a imagem negativa dos comunistas, pois coloca a sua percepção de que os membros do comunismo possivelmente não “estavam em nossos sindicatos”⁶⁶. Uma das possibilidades de entendimento que a frase permite é a de que ter esses membros como participantes em entidades seria algo ruim, daí a

⁶⁰ FREI BERNARDINO. Reforma Agrária. *A Semana*, Divinópolis, MG, capa, 15 out. 1961.

⁶¹ VEIGA, *op. cit.*, p. 47.

⁶² FREI BERNARDINO. Acorde, Operário. *A Semana*, Divinópolis, MG, capa, 30 ago. 1964.

⁶³ VEIGA, *op. cit.*, p. 47.

⁶⁴ FREI BERNARDINO, *op. cit.*, capa, 30. ago. 1964.

⁶⁵ *Ibid.*

⁶⁶ *Ibid.*

importância de afastar a ideia de existência de comunistas nos sindicatos. Se esse sentido for tomado como verdade, o trecho demonstra o quanto o comunismo ainda era malvisto e representado de maneira negativa, mesmo que de forma implícita.

Quanto aos demais textos apresentados por Veiga⁶⁷ e comentados anteriormente, eles não carregam apenas semelhanças em relação aos da primeira fase da presença franciscana em Divinópolis, mas também diferenças que estão sobretudo nas estratégias de construção da imagem do comunismo. Nos textos de frei Rafael, por exemplo, nota-se uma escrita mais “belicosa”, repleta de adjetivos e de comparações extremas. Já nos escritos dessa segunda fase é perceptível uma linguagem mais serena que busca convencer o leitor com o uso de recursos como fábulas⁶⁸ e com a demonstração de sabedoria e acolhimento cristãos. Observa-se isso nas orientações sobre o comunismo dadas pelo jornal em 5 de abril de 1964, em texto também trabalhado pela autora:⁶⁹ “O comunismo não se vence por orações, S. Comunhão, ou Santa Missa. Pela prática integral da justiça, virtude que é companheira do amor ao próximo, conseguiremos tirar a base à pregação comunista”.⁷⁰

Portanto, o escrito de frei Bernardino parece ser o que mais divergiu em relação à representação que vinha sendo construída pelo *A Semana* até aquele momento, já que deixou subentendido não ser o comunismo um inimigo tão perigoso quanto parecia. Nos outros textos, a mudança aconteceu mais na forma do que no conteúdo, que continuou carregado do anticomunismo presente na primeira fase analisada. Tal mudança parece ser resultado das transformações que aconteciam no período e estão alinhadas às características, já citadas, dessa segunda fase da presença franciscana.⁷¹ Ademais, tais modificações possivelmente estavam relacionadas ao perfil mais profissional que o periódico assumia, do que a uma mudança de visão sobre a cultura política comunista. De toda forma, o jornal reflete a dinâmica do período e demonstra a heterogeneidade existente dentro da Igreja Católica. Heterogeneidade essa que leva Veiga a constatar que “no mesmo ano em que um frei

⁶⁷ VEIGA, *op. cit.*, p. 37-48.

⁶⁸ Veiga explica que no texto de 31 de maio de 1964 em que é tratado do “desprezo” dos comunistas pela religião, ainda é utilizada a fábula da “Chapeuzinho Vermelho” como recurso para comparar os “inimigos” ao lobo enganador que foi detido pelos caçadores – nesse caso os militares. Cf. VEIGA, *op. cit.*, p. 40.

⁶⁹ VEIGA, *op. cit.*, p. 39.

⁷⁰ ATITUDE DE A SEMANA. *A Semana*, Divinópolis, MG, capa, 05 abr. 1964.

⁷¹ PEREIRA, *op. cit.*, p. 15.

marchava junto com coronéis comemorando a vitória do ‘movimento revolucionário’, outro manifestava sua indignação por eventos trágicos que ocorreram após o episódio do golpe”.⁷²

Terceira fase da presença franciscana: comunismo como possível alternativa

A terceira e última fase a ser analisada iniciou-se em 1971 e se encerrou em 1984, quando o jornal *A Semana* teve a propriedade transferida para as “Três Marias”.⁷³ O período foi marcado pela secularização da sociedade e pela diminuição da influência dos frades em Divinópolis⁷⁴. Além disso, o *A Semana* passou por uma revitalização, tornando-se ainda mais informativo. Leonardo Lucas Pereira, Erivelto Duarte e Anderson Oliveira destacam alguns textos publicados no semanário durante essa fase que mostram o enraizamento dos preceitos do Concílio Vaticano II, como o contato com a realidade social, e de elementos do cristianismo da libertação, como a preferência pelos pobres.⁷⁵ Ademais, apresentam textos que evidenciam o apoio da Igreja na cidade à greve de metalúrgicos ocorrida em 1979, bem como um editorial de repúdio à censura. Isso revela que o clero divinopolitano, incluindo os frades do município, acompanhou as modificações ocorridas na Igreja, que, a partir de 1970, tornou-se uma voz de resistência à ditadura e em defesa dos direitos humanos.⁷⁶

Nessa nova fase do semanário é comum a republicação de informações de outros periódicos. Na edição de 21 de maio de 1977, chama atenção a reprodução de uma notícia do jornal *A Folha*, que aparece na segunda página do *A Semana*, não estando, portanto, destacada na capa. Porém, ocupa quase metade da folha na qual foi publicado. Com o título “Ele seria hoje crucificado do mesmo jeito”, o texto comenta as acusações que dom Geraldo Sigaud, arcebispo de Diamantina, fez contra um bispo de Goiás e outro de Mato Grosso, os chamando de comunistas e defendendo que o Estado brasileiro os expulsassem do país. Adiante, a publicação sai em defesa dos bispos acusados e busca fundamentar o argumento de que “A

⁷² VEIGA, *op. cit.*, p. 48.

⁷³ PEREIRA, *op. cit.*, p.16.

⁷⁴ Até hoje os frades são atores prestigiados e respeitados na cidade, mantendo o Centro Franciscano de Formação e Cultura, sendo responsáveis pela Paróquia de Santo Antônio e se inserindo nos trabalhos pastorais.

⁷⁵ PEREIRA; DUARTE; OLIVEIRA, *op. cit.*, p. 47-54.

⁷⁶ MAINWARING, *op. cit.*, p. 103. Para o autor, além das transformações pelas quais passavam a Igreja, outro fator importante para a adoção dessa nova postura foi a repressão que membros da instituição passaram a sofrer.

ambiguidade do ato de acusar está em que os inocentes são também os acusados”⁷⁷. Para isso, resgatam na história da Igreja e do ocidente exemplos de pessoas e profetas que teriam sido “perseguidos” por incomodarem os “conservadores”. Usam, inclusive, a história de Cristo que foi acusado pelos “chefes dos sacerdotes que dispararam o dispositivo repressor para destruir Jesus...” uma vez que “sua mensagem contestava estruturas injustas...”⁷⁸.

Infere-se que o *A Folha* citado pelo *A Semana*, seja o folheto litúrgico da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu, que circulou entre as décadas de 1970 e 1990 e contava tanto com leituras e cânticos para celebrações de missas quanto com uma página inicial voltada a conscientização social e política.⁷⁹ Esse folheto foi introduzido e circulou nas paróquias de Divinópolis por iniciativa de frei Leonardo Lucas Pereira, padre Zé Raimundo e padre Pedrosa, por volta do ano de 1975.⁸⁰

Quanto ao texto, ao mesmo tempo exemplifica a nova linguagem adotada por uma ala da Igreja Católica e o acirramento entre os diferentes setores da instituição. Dom Sigaud tinha histórico de atuação em meio aos conservadores⁸¹. Já, dom Adriano, bispo de Nova Iguaçu e criador do *A Folha*, pertencia ao setor progressista⁸², normalmente associado pelos militares aos comunistas. Dom Adriano chegou a sofrer um atentado em 1976, quando foi espancado, teve o corpo pintado de vermelho e seu carro foi explodido.⁸³

Sobre o comunismo, o texto não tece críticas como os analisados anteriormente – não utiliza adjetivos, comparações ou analogias, nem oferece orientações sobre como evitá-lo. Pelo contrário, os alvos dos julgamentos negativos são os próprios anticomunistas que, agora, por meio de exemplos históricos e bíblicos, são tidos como perseguidores, conservadores das estruturas sociais dos “dominadores” e atribuidores de culpa aos “inocentes”.

⁷⁷ ELE seria hoje crucificado do mesmo jeito, [1977?] *apud* A SEMANA, Divinópolis, MG, p. 2, 21 maio 1977.

⁷⁸ ELE [...], [1977?] *apud* A SEMANA, p. 2, 21 maio 1977.

⁷⁹ SAMPAIO, Matheus da Silva; ILIESCU, Diana. De folheto litúrgico a ocupação cultural – práticas de resistência contra autoritarismos. *Mosaico*, v.11, n.17, p. 86-104, 2019.

⁸⁰ VEIGA, *op. cit.*, p.57.

⁸¹ SILVEIRA, Marco Antonio; MAIA, Marta Regina; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; SILVA, Camilla Cristina (org.). **Histórias de repressão e luta na UFOP, Ouro Preto e região**. Ouro Preto: UFOP, 2018.

⁸² A divisão entre “conservadores” e “progressistas” é utilizada de forma ideal típica, pois, como se observa em Mainwaring, as clivagens dentro da Igreja faziam parte de um contexto complexo em que havia leigos e clérigos com diferentes posturas políticas ou com perfis políticos oscilantes. *Cf.* MAINWARING, *op. cit.*, *passim*.

⁸³ SAMPAIO; ILIESCU, *op. cit.*, p. 94.

Entretanto, o escrito reproduzido por *A Semana* não termina aí. Ele traz ainda as palavras do próprio dom Adriano, que rebate a possibilidade de dom Sigaud apresentar as provas que disse ter contra os “religiosos comunistas”:

“D. Sigaud nunca poderá provar que D. Pedro e D. Tomás são comunistas porque não existem tais provas. O que existe é a veemência de dois profetas da Igreja que, diante de terríveis profanações da dignidade dos filhos de Deus, têm de levantar a voz para dizer aos poderosos do (ilegível) “Isto não te é permitido”. D. Sigaud conhece a Sagrada Escritura, conhece o Novo Testamento. Deveria assim interpretar (na visão de uma Igreja que, por sua própria essência, (ilegível) de ser profética, por isso desagrada) o comportamento perfeitamente evangélico dos nossos dois irmãos no episcopado”. E termina Dom Adriano com uma verdade que muita gente boa devia levar mais a sério: “Todos sabemos que o adversário do marxismo não é o capitalismo e sim o Cristianismo”.⁸⁴

Ao dizer que “não existem tais provas”, dom Adriano está afirmando que os religiosos acusados não são comunistas. Isso fica claro na frase seguinte, quando ressalta que os bispos estão, na verdade, “levantando voz” contra as “profanações da dignidade dos filhos de Deus” e dizendo aos “poderosos” que suas ações têm limites⁸⁵. Ou seja, o que estariam fazendo não seria comunismo, mas sim a defesa dos que estavam sob as “profanações” dos dominadores.

Assim, apesar de o texto não qualificar negativamente o comunismo, nota-se nele a busca por afastar dos religiosos a imagem de comunistas, reafirmando a ação da chamada “Igreja Progressista” como algo “perfeitamente evangélico”. Esse afastamento é reforçado na frase final do trecho destacado, onde se lê que o “adversário do marxismo” é o “Cristianismo”.⁸⁶ Ou seja, como fez Frei Bernardino nos escritos analisados na fase anterior, a publicação reproduzida por *A Semana* deixa implícita a imagem negativa em relação aos comunistas, bem como a incompatibilidade entre Igreja e comunismo, afinal, normalmente aquilo que é negado e afastado só é por ser malvisto ou por não ser aceito.

De toda forma, cabe mencionar que a frase final de dom Adriano não cita “inimigo”, mas sim “adversário”, o que faz diferença porque o termo “adversário” parece comportar melhor a coexistência das formas de pensamento divergentes. Isso impacta na representação do comunismo na medida em que ele deixa de ser um “inimigo” horrendo, que precisa ser combatido/eliminado, para ser imaginado como uma força presente nas disputas de poder, com o qual seria necessário conviver e disputar de forma menos hostil.

⁸⁴ ELE [...], [1977?] *apud* A SEMANA, p. 2, 21 maio 1977.

⁸⁵ *Ibid.*

⁸⁶ *Ibid.*

Entretanto, o texto que apresenta uma ruptura clara com a representação do comunismo que vinha sendo construída até então aparece na terceira página da edição de 21 de agosto de 1982 do jornal *A Semana*. Intitulada “Assim não, PC!”, a coluna é assinada por Maria Cândida Aguiar que a apresenta de forma irônica, firme e até bem-humorada, bem diferente das publicações afrontosas dos primeiros anos do jornal. Nela, a autora conta que uma subcoordenadora do Projeto Cultura e Educação de Divinópolis teria ficado indignada com a utilização da sigla PC, feita em uma edição anterior do jornal, para se referir ao Projeto, pois poderia causar associação com o “Partido Comunista”. A reclamante teria ainda afirmado em telefonema a qualidade da iniciativa, “apartidária” e “não ideológica”, bem como reiterado que as pessoas que nela trabalhavam eram “honestas”. Sobre isso, Aguiar comenta:

Mais curiosa ainda, a pressurosa preocupação em se defender do que foi tomado como acusação de haver no PC elementos comunistas. Bizantina, a preocupação. Comunista não é mais aquele, o bicho papão de criancinhas inocentes. Tem muita gente boa que vê no comunismo a melhor solução para o angustiante e insolvente problema da injustiça social. E daí? Por que tanto cuidado? Ademais todos os coordenadores (generalização que raramente fazemos é consciente), todos os coordenadores do Projeto-Cultura são, como nós, sólidos e pesados burgueses, donde tamanha preocupação com o que “todo mundo pensa”, não se justifica.⁸⁷

Em seguida, a autora ainda reforça o quanto o Projeto Cultura seria positivo, defende a “frágil plantinha” da liberdade de imprensa, deixando subentendido que ela compreendeu tal ligação como uma forma de censura, ofereceu os espaços disponíveis no semanário para que o “desagravo” da subcoordenadora pudesse ser feito publicamente e finalizou ironizando: “Passagem para o PC do D! Olho vivo no PC do D!”⁸⁸.

Analisando a coluna, percebe-se o enraizamento de uma imagem negativa do comunismo, imagem essa que se desenvolveu após décadas de esforços. Prova disso é a subcoordenadora, uma pessoa comum, integrante da população de Divinópolis e leitora do jornal, ter levado a possível associação entre “Projeto Cultura” e “Partido Comunista” como uma ofensa, mostrando o quanto estava internalizada a representação negativa do comunismo, construída por setores da sociedade, pela Igreja e, em certo nível, pelo jornal *A Semana*.

Em segundo lugar, nota-se que a negação em relação ao comunismo, feita no final do trecho, não ocorre porque a associação aos comunistas se mostra como algo ruim, mas sim porque, se fossem “acusados” de comunismo, o próprio perfil burguês “sólido e pesado” que

⁸⁷ AGUIAR, Maria Cândida. Assim não, PC! *A Semana*, Divinópolis, MG, p. 3, 21 ago. 1982.

⁸⁸ *Ibid.*

os membros do Projeto Cultura, e até mesmo a autora da coluna, possuíam, já diria o contrário. Ou seja, ser chamado de comunista não torna ninguém comunista. Além do mais, “comunista não é mais aquele bicho papão...” e “tem muita gente boa que vê no comunismo uma solução...”, qual seria, portanto, o problema de ser chamado de comunista?⁸⁹

Estava lançada, portanto, uma nova imagem do comunismo. Agora ele não é apresentado como um “monstro”, mas como uma maneira, e “a melhor” maneira, aos olhos de alguns, frente às “injustiças sociais” que, nesse caso, parecem ser um problema muito mais grave, “angustiante e insolúvel”. Ademais, se antes o comunismo era defendido apenas por pessoas “malignas”, agora “tem gente boa” que o faz. “E daí?”.⁹⁰

Assim, a representação do comunismo vista nessa coluna do jornal *A Semana* é a que mais proporciona uma imagem dos comunistas como pessoas comuns, em oposição à monstruosidade atribuída a eles anteriormente, além de amenizar ou desprezar o “perigo” que supostamente apresentavam. Apontá-lo como uma possível solução para questões sociais, também é sinal de mudança, afinal, há pouco tempo isso seria inadmissível.

Por isso, é importante comentar: compreende-se do texto de Chartier que as representações e as práticas, consequentemente o mundo social, se constroem mutuamente.⁹¹ Se passou a ser aceitável representar o comunismo de forma positiva, é porque houve uma mudança de cenário. Na década de 1980, o Brasil enfrentava uma crise econômica que castigava principalmente os mais pobres. O regime militar findava, encontrando-se em uma abertura “lenta, gradual e segura” desde 1974. Multiplicavam-se as greves e movimentos de oposição. As violências de Estado faziam com que os militares fossem alvos de críticas. Aqueles que eram vistos como responsáveis por afastar o “perigo comunista” se tornaram os “perseguidores”. O PCB não tardaria a entrar em crise, sendo “extinto” em 1992⁹². A União Soviética, tão temida, cairia em 1991. O comunismo não parecia mais tão forte e perigoso como antes. A representação mudou porque os tempos mudaram.

Considerações Finais

⁸⁹ AGUIAR, *op. cit.*, p. 3, 21 ago. 1982.

⁹⁰ *Ibid.*

⁹¹ CHARTIER, *op. cit.*, p. 72.

⁹² PANDOLFI, Dulce Chaves. **Camaradas e Companheiros**: História e Memória do PCB. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

O jornal *A Semana* perdurou por quase sessenta anos, dos quais mais da metade esteve sob responsabilidade dos frades de Divinópolis. Essa resiliência mostra que o semanário conseguiu atender as expectativas dos leitores, que se configuram como grupo de pressão para os periódicos.⁹³ Sendo assim, há uma influência mútua entre público e jornal. A adaptação do *A Semana* ao longo do tempo, passando por diferentes fases, pode ser vista tanto dentro dessa lógica, quanto como reflexo dos contextos nos quais estava inserido. Percebe-se que as transformações na Igreja Católica, que direcionaram a atuação franciscana na cidade, também impactaram na forma como o *A Semana* se apresentava ao público.

Sabendo disso, esse artigo buscou entender como o jornal representava o comunismo, cultura política que tem como característica o anticlericalismo e que, por isso, protagonizou embates com religiosos. Ademais, pretendeu-se perceber possíveis transformações na construção da imagem do comunismo operadas pelo *A Semana* ao longo do tempo, afinal, até mesmo a atuação dos franciscanos, criadores do semanário, classifica-se em fases conforme as mudanças em seus perfis. Mudanças essas que poderiam ter refletido na produção do jornal. Essa hipótese foi confirmada pois verificou-se que a representação feita pelo *A Semana* sobre o comunismo se transformou, principalmente em sua forma. Se nos primeiros anos da presença franciscana essa representação era feita de maneira belicosa e evidente, nas fases posteriores ela foi construída de forma mais amena ou até mesmo subentendida.

As representações perpassam pelo universo do simbólico e no processo de suas construções são mobilizadas estratégias para fazer valer a imagem que se quer projetar. Assim, na primeira fase da presença dos frades em Divinópolis, o uso de adjetivos desfavoráveis para qualificar o comunismo e a comparação deste com experiências extremas, como o nazismo, ajudaram a construir a imagem negativa que o jornal buscava passar. Em uma cidade marcada por diversidade, os “inimigos” da Igreja estavam bem definidos.

Na segunda fase, a escrita se torna acolhedora, refletindo a postura renovada, orientada pelo Concílio Vaticano II. A agressividade das publicações diminui e surge uma oposição “sábia” ao comunismo, que passava um ar de moderação e de confiança em relação à Igreja. Frei Bernardino, porém, coloca em dúvida a existência de número significativo de comunistas

⁹³ CRUZ; PEIXOTO, *op. cit.*, p. 263-264.

em Divinópolis, amenizando a periculosidade atribuída a eles até então e, sutilmente, promovendo alguma modificação na imagem acerca do comunismo.

Na terceira fase, devido a atuação da ala progressista da Igreja em defesa dos direitos humanos e dos menos favorecidos, os próprios religiosos passaram a ser acusados de comunistas. Reforçando a ideia de que ser atrelado ao comunismo seria algo ruim e, portanto, reiterando a imagem negativa construída até então, o *A Semana* reproduz um texto em que religiosos negam tais acusações e passam a afirmar que suas ações são “evangélicas”. Mas, ainda nessa fase, outro escrito rompe com a forma e com o conteúdo da representação do comunismo construída pelo jornal, trazendo uma linguagem irônica e bem-humorada e utilizando adjetivos positivos para tratar do tema. Ademais, abre a possibilidade de o comunismo ser um caminho para combater problemas mais graves, como as injustiças sociais. Rechaça, ainda, o entendimento de que os comunistas seriam “monstros”, “perversos”.

Portanto, a representação do comunismo promovida pelo jornal foi predominantemente negativa, mas se transformou, mesmo que minimamente, seja na forma ou no conteúdo. As próprias mudanças de contexto histórico e de atuação da Igreja Católica impactaram nessa imagem. Percebe-se, assim, a complexidade das relações sociais e de poder que influenciam as representações, o que se torna ainda mais profundo diante da constatação de Motta quando diz que enquanto “os inimigos disseminavam representações terríveis sobre os comunistas, (...) a presença do comunismo no cenário público era constantemente reafirmada por tais discurso (...) criando mitos sobre a força e efetividade revolucionária.”⁹⁴.

Referências

Fontes

Centro de Memória Prof^a Batistina Corgozinho (CEMUD) – Acervo digital do site Emredes

AGUIAR, Maria Cândida. Assim não, PC! *A Semana*, Divinópolis, MG, ano XL, n.33, página 3, 21 ago. 1982.

ANTUNES, Geraldo. Que quer essa gente?... *A Semana*, Divinópolis, MG, ano III, n. 104, página 2, 08 ago. 1948.

⁹⁴ MOTTA, *op. cit.*, p. 29.

ATITUDE DE A SEMANA. **A Semana**, Divinópolis, MG, ano XXI, n. 13, capa, 05 abr. 1964.

A SEMANA, Divinópolis, MG, ano XXXV, n. 20, página 2, 21 maio 1977.

FREI BERNARDINO. Reforma Agrária. **A Semana**, Divinópolis, MG, ano XVIII, n. 41, capa, 15 out. 1961.

_____. Acorde, Operário. **A Semana**, Divinópolis, MG, ano XXI, n. 34, capa, 30 ago. 1964.
RAF (Frei Rafael). A Finalidade de um Jornal. **A Semana**, Divinópolis, MG, ano I, n. 1, capa, 04 ago. 1946.

_____. Os dois que ficaram: Pio XII – Stalin. **A Semana**, Divinópolis, MG, ano II, n. 59, capa, 21 set. 1947.

_____. Táticas russa de despistamento... **A Semana**, Divinópolis, MG, ano II, n. 60, capa, 28 set. 1947.

VALÊNCIA. “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”. **A Semana**, Divinópolis, MG, ano XXI, n. 21, página 2, 31 maio 1964.

Bibliografia

ALMEIDA, Luciane Silva de. **“O comunismo é o ópio do povo”**: Representações dos batistas sobre o comunismo, o ecumenismo e o governo militar na Bahia. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2011.

ALMEIDA, Luciane Silva de. “O Comunismo é o Ópio do Povo”: Representações dos Batistas sobre o Comunismo, o Ecumenismo e o Governo Militar na Bahia. **Anais dos Simpósios da ABHR**, [S. l.], v. 13, 2012.

_____. **“Missionários do inferno”**: representações anticomunistas dos batistas no Brasil (1917-1970). Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências e Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

AZEVEDO, Flávia Lemos Mota de; PIRES, Joao Ricardo Ferreira ; PEREIRA, Wiliam Santos; FIGUEIREDO, Victor Santos; SILVA, Ariana Dayana Coimbra. Imprensa e História: Jornal A Semana e a História Social de Divinópolis - 1943 - 1965. In: AZEVEDO, Flávia Lemos Mota de; SOARES, Izaac Erder Silva; PIRES, João Ricardo Ferreira; FERREIRA, José Heleno; ARRUDA, Lúcia Maria Silva (org.). **História e Memória do Centro-Oeste mineiro**: perspectivas – Memória, Literatura e Educação. Belo Horizonte: O Lutador, 2016. p. 190-201.

BATISTA, Márcia Helena. **A Restauração Católica no cotidiano da cidade**: Círculo Operário, Imprensa e Obras Sociais em Divinópolis entre os anos 30 e 50. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

BETT, Ianko. **A (re)invenção do comunismo**: discurso anticomunista católico nas grandes imprensas brasileira e argentina no contexto dos golpes militares de 1964 e 1966. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo (RS), 2010.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: _____. **A beira da falésia**: a História entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Editora Universidade/ UFRGS, 2002. p. 61-80.

CORGOZINHO, Batistina Maria de Sousa; PIRES, João Ricardo Ferreira; CATÃO, Leandro Pena. Jornais editados em Divinópolis durante a primeira metade do século XX. In: _____. **Divinópolis**: história e memória – vol. 2: Política e Sociedade. Belo Horizonte: Crisálida, 2015, p. 267-318.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves; PASSOS, Mauro. Catolicismo: direitos sociais e direitos humanos (1960-1970). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **Brasil Republicano – O tempo da ditadura**: regimes militar e movimentos sociais em fins do século XX. Livro 4. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 93-132.

FERREIRA, Mauro Eustáquio. Divinópolis, muitas histórias desde as suas origens. In: PEREIRA, Leonardo Lucas; LUNKES, Sheila Almeida Nery; FERREIRA, Mauro Eustáquio (org.). **Franciscanos na terra do divino**: presença, palavras e ações. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2021. p.23-32.

GOMES, Nilton. A História da Maçonaria em Divinópolis. In: CORGOZINHO, Batistina Maria de Sousa; PIRES, João Ricardo Ferreira; CATÃO, Leandro Pena (Orgs). **Divinópolis**: história e memória – vol. 2: Política e Sociedade. Belo Horizonte: Crisálida, 2015, p. 539-548.

GONTIJO, Pedro X. **História de Divinópolis**. 2 ed. Divinópolis (MG): Sidil, 1995.

LÖWY, Michael. As esquerdas na ditadura militar: o cristianismo de libertação. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs). **Revolução e democracia (1964...)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 304-320.

LÖWY, Michael. **O que é cristianismo da libertação**: religião e política na América Latina. 2 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Expressão Popular, 2016.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PÍNSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111- 153.

MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A cultura política comunista: alguns apontamentos. *In*: NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.) **Comunistas brasileiros**: cultura política e produção cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. (Humanitas). p. 17-37.

NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Apresentação. *In*: _____. (org.) **Comunistas brasileiros**: cultura política e produção cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. (Humanitas). p. 9-13.

NOGUEIRA, Maristel Pereira. **O anticomunismo nos jornais**: correio do povo, diário de notícias e última hora, uma perspectiva de análise. Tese (Doutorado em História das Sociedades Ibéricas e Americanas) – Faculdade de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Os novos bárbaros: escritores e comunismo no Brasil (1928-1948)**. Tese de Doutorado. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas (SP): 2003.

PANDOLFI, Dulce Chaves. **Camaradas e Companheiros: História e Memória do PCB**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEREIRA, Leonardo Lucas; DUARTE, Erivelta Diniz; OLIVEIRA, Anderson Cardoso de. Sinos e sirenes se beijaram - ideologias de franciscanos em Divinópolis nos jornais Santuário Santo Antônio, Sino e a Semana (1924-1984). *In*: CATÃO, Leandro Pena. PIRES, João Ricardo Ferreira. CORGOZINHO, Batistina de Sousa (org.). **Divinópolis: História e Memória - volume 1: Origens e Religião**. Belo Horizonte: Crisálida, 2015. p. 397-454.

PEREIRA, Leonardo Lucas. Introdução. *In*: PEREIRA, Leonardo Lucas; LUNKES, Sheila Almeida Nery; FERREIRA, Mauro Eustáquio (Orgs.). **Franciscanos na terra do divino**: presença, palavras e ações. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2021. p. 13-18.

SAMPAIO, Matheus da Silva; ILIESCU, Diana. De folheto litúrgico a ocupação cultural – práticas de resistência contra autoritarismos. **Mosaico**, v.11, n. 17, p. 86-104, 2019.

SANTOS, Maria Cecília Guimarães. **Patrimônio cultural de Divinópolis**. Divinópolis (MG): Grupo Capela, 2015.

SILVEIRA, Marco Antonio; MAIA, Marta Regina; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; SILVA, Camilla Cristina (org.). **Histórias de repressão e luta na UFOP, Ouro Preto e região**. Ouro Preto: Editora UFOP, 2018.

SOUZA, Renato João de. Repercussões do golpe Civil Militar de 1964 em Divinópolis. *In*: CORGOZINHO, Batistina Maria de Sousa; PIRES, João Ricardo Ferreira; CATÃO, Leandro Pena (Orgs). **Divinópolis: história e memória** – vol. 2: Política e Sociedade. Belo Horizonte: Crisálida, 2015, p. 115-316.

VEIGA, Larissa Virgínia. **Ditadura civil-militar em Divinópolis, Minas Gerais**: memórias, trajetórias e resistências. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de São João del Rei, São Joao del Rei (MG), 2022.